

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

241

INSCRIÇÕES 829-831



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2023

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Todos os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação | CEAACP

Toda a colaboração deve ser dirigida a:
fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas
Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



MARCO ROMANO EPIGRAFADO
DA RUA DAS CANASTRAS
(SANTA MARIA MAIOR – LISBOA)

O marco objecto desta notícia (FIG. 1) foi recolhido, a 28 de Novembro de 2022, no prédio com os nºs 12-16 da Rua das Canastras, freguesia de Santa Maria Maior, em Lisboa, no decorrer do acompanhamento arqueológico, aí realizado pelo consórcio Empatia e Imperio Arqueologia, dos trabalhos de adaptação das infraestruturas de saneamento do rés-do-chão, bem como da construção do poço do elevador e poste de sustentação.

Numa primeira fase foram realizadas sondagens arqueológicas, que identificaram níveis de entulho para nivelamento do local após o terramoto de 1755, as quais, por sua vez, cobriam uma estrutura (muro) e contextos atribuíveis ao período romano.

Foi durante a fase posterior, ao abrir a caixa de fundação para o poste de sustentação, que se encontraram fragmentos da parte superior do que, de imediato, nos pareceu ser um miliário romano. Estava bastante danificado, em virtude de ali terem ocorrido obras, que o não tiveram em atenção, nomeadamente por ocasião da instalação de infraestruturas, já no séc. XX.

Apenas se conservaram duas linhas de texto, estando a segunda incompleta. É de calcário róseo, de formato cilíndrico, tendo vestígios de lhe ter sido esculpido um ‘capitel’ (FIG. 2), circunstância que, a ser original como parece (e não resultante de qualquer reutilização), será pouco comum em miliários.

Dimensões (cm): altura/largura/diâmetro = 26 x 32 x 16;
Altura do ‘capitel’ = 5.

D(*omino*) N(*ostro*) / FLAV[IO] / [...]
Ao nosso senhor Flávio...

Altura das letras (cm): l. 1: D = 6, N = 5,5; l. 2: F = 7, L = 6,
A = 6,5. Espaços: 1: 4,5; 2: 1,5 – 2.

Caracteres com serifas, gravados com estilete. F de barra superior levemente ondulada para cima e barra mediana um tudo-nada mais curta, rectilínea. O recorte, simétrico, do A sugere ter sido gravado num só movimento; daí o formato dos vértices inferiores e o facto de não existir vértice superior em ângulo, mas sim convexo e bem marcado por serifa; o travessão é côncavo. Uma gravação a pressupor, portanto, um esboço prévio, feito à mão levantada, mas dotado de regularidade.

A posição das letras da 1ª linha, ou seja, a paginação segundo eixo de simetria que daí pode deduzir-se leva-nos a pensar que a l. 2 apenas terá a palavra FLAVIO, como ocorre, por exemplo, no miliário de Talavera de la Reina¹. Haveria, naturalmente, mais duas ou três linhas, a completar a identificação do imperador.

Domino nostro é expressão dedicatória. Documenta o que começou a ser prática a partir do século III, como Pierre Salama teve oportunidade de sublinhar: o miliário deixa de assumir funções predominantemente informativas, para atestar, nas vias por onde todos passavam, a ‘presença’ da autoridade imperial. Esse, o motivo por que se usa o dativo – «ao nosso senhor» – porque desta sorte se consubstancia e em pedra se eterniza a homenagem dos súbditos. Aliás, não carece – nem importa! – de haver informação acerca do dedicante particular ou da comunidade de quem partiu a iniciativa: é o *populus Romanus* na sua totalidade, que a promoveu!

Por não ser muito conhecida, valerá a pena transcrever aqui as passagens mais significativas dos escritos de Pierre Salama que veiculam essa opinião.

¹ D N / FLA(*vio*) / IVLI/ANO (HEpOL 348).

Assim, em 1951,² faz notar «que os miliários de Djemila parecem ter sobretudo como função prestar homenagens de lealdade aos soberanos reinantes» (p. 265) e explica:

«Com efeito, entre as homenagens que as municipalidades habitualmente prestavam aos príncipes e que se traduziam, pela maior parte das vezes, na construção de monumentos honoríficos como estátuas, arcos ou templos, o miliário, simples coluna gravada com uma inscrição, devia parecer como a solução muito menos dispendiosa. Erguida num lugar frequentado do centro urbano, passagem estreita donde partiam as vias, atraía o olhar do visitante com tanta maior facilidade do que a exiguidade do lugar poderia proporcionar. Aí só o imperador era honrado, enquanto que, no fórum, as efigies imperiais encontravam-se em competição com um amontoado de estátuas dedicadas a particulares» (p. 266).

Pierre Salama volta ao tema em 1955³:

«Do ponto de vista gramatical [...], é o dativo o único caso empregado nas designações imperiais. Estes miliários são, por consequência, dedicatórias com que a colónia de *Rusguniae* quis honrar os soberanos e os marcos são eles próprios monumentos de devoção. Foi mesmo possível seguir, por vezes, uma evolução homogénea da natureza jurídica e psicológica dos miliários que determinou fazer com que, pouco a pouco, um monumento utilitário, destinado primitivamente a mencionar uma distância ou comemorar a execução dum trabalho, se transformasse num instrumento honorífico e de pura propaganda» (p. 22).

Houve oportunidade de chamar a atenção para esse facto, em relação aos miliários da Geira⁴ e Sabine Lefebvre acabaria por considerar os miliários dos séculos III e IV como uma forma específica de recepção da autoridade imperial⁵.

² SALAMA, Pierre, « Les bornes milliaires de Djemila-Cuicul et leur intérêt pour l'histoire de la ville », *Revue Africaine*, 95 1951 213-272.

³ «La colonie de Rusguniae d'après les inscriptions», *Revue Africaine* XCIX 1955 5-20.

⁴ ENCARNÇÃO (José d'), «Miliários da Geira: informação e propaganda», *CADERNOS DE ARQUEOLOGIA* 12-13 1995-1996 39-43. <http://hdl.handle.net/10316/28576>

⁵ LEFEVRE (Sabine), «Les milliaires tardifs, une réception particulière de l'autorité impériale. Un paysage particulier le long des voies de Lusitanie», *in*

Será, contudo, ousadia propor que, em vez de miliário, se classifique este monumento como ‘pedestal’, mormente devido à possível existência de um ‘capitel’. Coluna poderia ser, no cimo da qual se poria o busto do homenageado. Não iremos, porém, tão longe, até porque precisamente os miliários fotografados por Salama têm molduração no cimo e não se põe a hipótese de sustentarem um busto.

Merece particular atenção a citada expressão dedicatória, *Domino Nostro*. Desde logo, a presença do possessivo intui um relacionamento que se deseja afectivo, próximo. Realça Robert Étienne que são esses títulos – *dominus, domina* – «os únicos que reforçam as características quase-divinas do soberano»⁶. Por seu turno, Jean-Marie Lassère não deixa de sublinhar que, «nas inscrições, o primeiro testemunho duma evolução do regime imperial em função de uma forma mais autoritária está patente no uso da expressão *d(ominus) n(oster)*, que entra em concorrência com *Imperator Caesar*, à cabeça da enumeração dos títulos imperiais, quando se trata de uma homenagem pública ao imperador (e não, obviamente, na titulação oficial do imperador)». «Esta fórmula», acrescenta, «que se difundiu no decorrer do século III, generaliza-se a partir da tetrarquia e de Constantino»⁷.

Sendo assim, quem seria aqui o homenageado? Vários são os Flávios pelos finais do século III. Chama-nos, todavia, a atenção de, em *Bracara Augusta*, se haver registado o achamento de dois ‘miliários’ dedicados, respectivamente, a Constâncio (por volta do ano 291) e a Crispo (depois de 316): *D(omino) N(ostro) FLAVIO / VALERIO / CONSTANTIO / NOBILISSIMO / CAESARI* [HEpOL 10 302]; e: *D(omino) N(ostro) FLAVIO / IVLIO / CRISPO / NOB(ilíssimo) CAES(ari)* [HEpOL 10 303]. Esses dois testemunhos incitam-nos a pôr a hipótese de que também em *Olisipo* se

HORSTER (Marietta) e HÄCKLER (Nikolas) [edit.], *The Impact of the Roman Empire on Landscapes* (Proceedings of the Fourteenth Workshop of the International Network Impact of Empire – Mainz, June 12-15, 2019). Leiden: Brill, 21 Oct 2021, p. 131-153. https://doi.org/10.1163/9789004411449_008

⁶ ÉTIENNE (Robert), *Le Culte Impérial dans la Péninsule Ibérique d’Auguste à Dioclétien*. Paris, 1958, 1974 (reimp.), p. 509.

⁷ LASSÈRE (Jean-Marie), *Manuel d’Épigraphie Romaine*. Picard, Paris, ²2007, p. 606-607.

houvesse querido homenagem um dos Césares aquando da sua nomeação. Qual, só a descoberta do resto da epígrafe o poderia dizer.

Não adianta conjecturar muito acerca do local de *Olisipo* para o qual esta coluna foi originalmente pensada. Situa-se a Rua das Canastras na proximidade da Casa dos Bicos, donde provém o miliário dedicado a Probo (276-282), de feitura muito semelhante à deste e no mesmo tipo de material [HEpOL 22 958]. Poder-se-ia, pois, pensar – na sequência do raciocínio, atrás referido, de Pierre Salama – que por aí eventualmente se situaria uma das saídas da cidade, onde ambos os miliários teriam sido postos.

RUI RIBOLHOS⁸

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO⁹



1

831

⁸ IAP – Instituto de Arqueologia e Paleociências, FCSH-UNL.

⁹ Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património.



2

—| 26 cm |—

831